

O SERVIÇO DO BEM-AVENTURADO ESTANISLAU PACZYNSKI À IGREJA

(Celebração de Acção de Graças pela beatificação – Balsamão, 20 de Setembro de 2008)

Pe. André Pakula, MIC

“Elogiemos os homens ilustres, nossos antepassados, em sua ordem de sucessão” (Eclo 44:1). Com essas palavras o Servo de Deus Casimiro Wyszynski inicia o seu relato sobre o Padre Estanislau Papczynski. Hoje não nos interessa apenas a concepção de fama de que o Padre Wyszynski fala em sua biografia do Padre Fundador, mas sobretudo a razão por que o chamou ilustre.

Eis que ele é um homem ilustre não porque na vida tivesse alcançado sucesso, possuído muito dinheiro, ou porque estivesse na boca de muitos e de vez em quando revelasse escândalos – o que hoje é a medida da fama. A fama de que fala o Padre Casimiro é a medida da entrega a Cristo, a grandeza do amor e sobretudo o serviço à Igreja e – dentro dela – ao ser humano, especialmente ao pobre. Essa fama é mais a sabedoria de interpretar os sinais da acção do Espírito Santo no mundo e na Igreja e de buscar formas de servir ao semelhante. Se para o Padre Casimiro o Padre Estanislau Papczynski é ilustre, é somente porque, amando a Jesus e a Maria concebida sem pecado, ele foi capaz de auscultar o coração da Igreja, compreender as suas necessidades mais prementes na época em que viveu e dar a elas uma resposta muito concreta e nítida. Essa resposta é a Congregação dos Padres Marianos, que existe até hoje e que continua servindo às pessoas. E pela beatificação do Padre Estanislau a Santa Sé não apenas confirmou a sua santidade pessoal, mas também o seu reconhecimento dos sinais dos tempos. Ele foi beatificado como fundador da Congregação dos Marianos. Por isso o Padre Casimiro teve uma perfeita intuição ao chamá-lo de homem ilustre. Realmente ele é um homem ilustre, porque é um homem de Cristo e de Maria, para o que aponta igualmente o seu nome (Estanislau de Jesus e Maria). Voltamos hoje a nossa atenção a ele unicamente porque esse verdadeiro vínculo com Cristo e Maria frutificou nele num verdadeiro amor à Igreja. Perguntemo-nos portanto: O que foi a Igreja para o Beato Estanislau, por que o seu activo amor a ela produziu tal fruto, de que maneira ele entendia a Igreja, por que tanto se preocupou com ela, a ponto de achar que era preciso fundar uma nova comunidade religiosa para o seu serviço, e que conclusões nós podemos tirar disso hoje?

I – A Igreja – Corpo unido no Espírito e animado pelo amor

Uma das definições predilectas da Igreja, utilizada com bastante frequência em seus escritos, é “Corpo da Igreja de Deus” (“Corpus Ecclesiae Dei”). A esse respeito é muito eloquente a meditação a respeito da virtude do amor sobrenatural, que se encontra em sua obra *Inspetio cordis*: “Graças ao amor surgiu toda a criação: começou a existir a terra e o céu, foi criado o homem, Deus se tornou homem e, ainda que não sujeito ao sofrimento, sofreu no corpo sujeito ao sofrimento e sofreu uma morte cruel, e – embora imortal – por ti sofreu a morte, não como Deus, mas como homem. Graças a esse amor desceu do céu, sobre os Apóstolos e os outros discípulos, a Luz Celestial, o Mestre da Verdade e o Espírito de toda sabedoria, para que, graças a ela, dentre tantos povos de tão diversas origens, como o corpo dos seus diversos membros, fosse edificado o único Corpo da Igreja de Deus e para que tantas santas comunidades, congregações e ordens religiosas, ligadas por um só Espírito e pelo amor a um único Deus, vivessem na máxima unidade”.

As definições utilizadas pelo Pe. Papczynski lembram a imagem do homem, isto é, de um corpo animado por uma alma espiritual e imortal. Da mesma forma também a Igreja, que se compõe de muitos membros e que constituem um só corpo, como que possui a sua alma, o seu princípio vivificante, que é o Espírito Santo, e o amor sobrenatural, vínculo e fecho da unidade. Em algumas abordagens de *Inspectio cordis* esse amor sobrenatural – “charitas” – identifica-se simplesmente com o Espírito Santo. Por isso o Pe. Papczynski chama o verdadeiro amor de “espiritual” ou “sobrenatural” (“amor spiritus”, “amor spiritualis”, “amor supernaturalis”), distinguindo-o do amor carnal (“amor carnis”, “amor carnalis”), isto é, do amor que não tem a sua fonte em Deus e não é um dom do Espírito. Por isso a Igreja torna-se um só corpo apenas porque é animada pela presença e pela acção do Espírito Santo e porque é alimentada com o verdadeiro amor sobrenatural, a que o homem de todos os tempos tem acesso nos sacramentos, especialmente na Eucaristia, sacramento do amor de Deus. Essa unidade do “Corpo da Igreja de Deus”, baseada no fundamento “do Espírito e do amor”, tem um carácter sobrenatural e é a consequência da aceitação baptismal do homem por Deus como Seu filho adoptivo. Ao mesmo tempo, porém, é uma tarefa que diz respeito a toda a vida do cristão. Como um dom “da unidade do corpo da Igreja de Deus”, transforma-se na norma que organiza toda a vida cristã e conclama à edificação da unidade, primeiramente em si mesma e depois à sua volta. Dessa forma a Igreja se torna corpo e unidade. Para o Pe. Papczynski, a esse respeito, Maria é exemplo, ela que foi repleta do Espírito Santo, “cheia de graça, cheia do Espírito Santo”. Por isso numa das suas reflexões, ele pronuncia palavras

que são atuais ainda hoje: “Oh, se fosse possível dizer a respeito das tuas acções que elas provêm do Espírito Santo, que foram realizadas no Espírito Santo! Realmente é uma grande felicidade possuir o Espírito Santo, uma felicidade maior ainda é agir segundo o Espírito Santo e a felicidade suprema, é completar os nossos dias no Espírito Santo”. Visto que a Igreja é um “corpo” animado pelo Espírito Santo, o Espírito de Deus deve organizar e dirigir os membros desse “Corpo”. O amor, por sua vez, é o elo da união e se torna a inspiração interior de todas as acções dos filhos da Igreja. Portanto – ensina o Pe. Estanislau – “sem o amor não pode subsistir nenhuma comunidade. Por isso Jesus, não apenas pela admoestação, mas também pelo Seu exemplo, quis comprometer os Apóstolos ao amor mútuo. Porque, da mesma forma que os membros do corpo humano são tão interdependentes entre si que sempre se ajudam mutuamente e servem uns aos outros, também as pessoas na Igreja de Deus, em toda comunidade, congregação ou associação de que elas fazem parte, como um corpo que se compõe dos seus membros, devem necessariamente demonstrar amor mútuo e submissão”. Porquanto, visto que o próprio Cristo veio aos pobres, rejeitados, esquecidos, pecadores, aflitos e atormentados e Ele mesmo se tornou semelhante a eles em tudo excepto no pecado, também os membros do “corpo da Igreja de Deus” devem proporcionar-lhes o amor ativo, que o Beato Estanislau com muita frequência identifica com a caridade. A esse respeito, são especialmente preciosos os seus ensinamentos sobre os actos de caridade em relação à alma e ao corpo, que se encontram em *Templum Dei mysticum*.

É também digno de atenção o fato de que o Pe. Papczynski considerava também a si mesmo e a Congregação por ele fundada como um fruto da misericórdia divina demonstrada à categoria bíblica dos pequeninos. É eloquente a esse respeito a descrição dos primórdios da congregação dos marianos: “Apesar das inúmeras dificuldades que se apresentam como obstáculos, a bondade e a sabedoria divina inicia e realiza o que quer, ainda que os meios, segundo o discernimento humano, sejam imprestáveis para isso. Com efeito, não existe nada de impossível para o Todo-Poderoso. Verificou-se isso da forma mais explícita em mim, o mais miserável, o pecador mais digno de desprezo, o pior e o mais imprestável instrumento [utilizado por Deus] para a fundação da última e mínima Congregação dos Padres da Santíssima Virgem Maria Imaculada. Havia em mim: um espírito inadequado, nenhuma virtude, pouca prudência, tudo pequeno demais, [adequado] mais a sonhar do que a empreender tão grande obra. Mas o próprio Deus, o Deus (a quem seja dada eterna e infinita glória e acção de graças), da mesma forma que providencialmente, isto é, com amor, misericórdia e sabedoria, milagrosamente me despertou para a Sua obra, também a realizou e realiza

pelos séculos eternos”. Por isso, somente no contexto de outros escritos do Pe. Papczynski, e especialmente apelando à sua experiência pessoal é que se pode interpretar corretamente o que significa que a Igreja é animada pelo amor sobrenatural e que tipo de amor tinha em mente o Fundador dos Marianos quando escreveu em *Norma vitae* que “a alma deste Instituto é o amor, e na medida em que [alguém] dele se afastar, na mesma medida também se afastará da vida”. Portanto a Igreja não é animada por um amor qualquer, mas pelo amor que atinge o seu formato mais pleno na misericórdia, isto é, na atitude de debruçar-se sobre o pobre bíblico, nos sentido amplo dessa palavra, porque é esse gênero de amor que caracteriza a ação de Deus em relação ao homem, o que se manifestou de maneira especial nos acontecimentos da Paixão e da Páscoa. Aqui podemos descobrir a fascinação do Pe. Papczynski pelo mistério da paixão de Cristo, eloquentemente presente em todos os seus escritos, mas também nos retratos e nas gravuras, onde o Fundador dos Marianos geralmente é apresentado segurando um crucifixo.

Ao nos lembrar hoje que a Igreja é um Corpo místico unido no Espírito e animado pelo amor, o Beato Estanislau nos estimula a que nos tratemos com desvelo mútuo. Somos um só Corpo da Igreja, a nossa alegria se comunica aos outros, o nosso amor se comunica aos outros, a nossa fé se comunica aos outros. Algumas vezes, no entanto, torna-se necessário um acto exterior, uma palavra, um gesto, uma prece pelo irmão ou pela irmã na fé.

II. A Igreja – uma realidade divino-humana

Para o Pe. Estanislau, a Igreja e o seu bem tornaram-se o ponto de referência constante, porto seguro, espaço em que se refugia e a que recorre, especialmente quando o assaltam inquietações e incertezas relacionadas com a vocação ou com a fundação da nova comunidade religiosa. Ao mesmo tempo, é a última instância na terra a lhe revelar a vontade de Deus e é, finalmente, a depositária da verdade. Em razão disso, chama-a de “santa”, “fiel”, “verdadeira”. A Igreja foi fundada por Jesus Cristo, o “Mestre Celestial”, que instituiu nela diversas funções e tarefas. Escreve ele: “A Vinha do Pai Celestial é a Igreja verdadeira, na qual inúmeros operários continuamente trabalham e se cobrem de suor. Um ensina, outro age; um fertiliza com a palavra de Deus o campo das almas dos fiéis, e um outro, pela celebração do sacramento da Penitência, extirpa deles a sujeira dos pecados. Ninguém goza de descanso, todos trabalham em turnos e através de diversas obras de amor buscam a perfeição, e a única preocupação deles é que a vinha proporcione ao Senhor frutos mui abundantes, que O possam satisfazer e alegrar”. Numa outra passagem ele expressa o mesmo pensamento de forma semelhante,

apenas mais sistematizada: “O patrão é Cristo, a vinha é a Igreja, os ramos das videiras na vinha são as almas dos fiéis, os operários são tanto os leigos como os religiosos, que já foram precedidos por muitos: no início pelos santos Apóstolos que estabeleceram e cultivaram a vinha com o próprio patrão Cristo; a seguir pelos mártires, com cujo sangue ela foi orvalhada; pelas virgens, com cujos lírios de virgindade e com cujas flores de diversas e mui perfumadas virtudes ornamentada ela continua a resplandecer. Tu também deves considerar-te como chamado a essa vinha e, alegrando-te por esse motivo, dedica-te com todas as forças, com toda a alma e todo o corpo a realizar nela obras de amor”. Como um só “Corpo unido no Espírito e animado pelo amor”, a Igreja se torna para Cristo a ferramenta da salvação não apenas para os seus membros, mas para todos os seres humanos de todos os tempos e nações. No entendimento do Pe. Estanislau, Cristo e a Igreja são inseparáveis. Escreve a esse respeito em *Norma vitae* (II 2): “Porquanto assim clama em voz alta o Divino Mestre: ‘Se alguém me ama, guardará minha palavra’ (Jo 14:23), o que deve entender-se não apenas em relação à Sua santa doutrina e à Sagrada Escritura, mas igualmente em relação às imposições e aos documentos da Sua santa Igreja, que Ele mesmo, pelo Espírito Santo, instrui e dirige, e em relação às decisões dos superiores, que dela provêm ou por ela são confirmadas”. A contínua presença do Espírito Santo na Igreja, que é governada e dirigida pelos “chefes” estabelecidos, que são pessoas frágeis e pecadoras, à semelhança de S. Pedro, faz com que brote em Pe. Papczynski a total confiança. Uma expressão dessa confiança são as suas profissões de fé e de submissão: “Creio [em tudo] em que crê a Santa Igreja Romana e no que futuramente apresentar para a nossa fé” – dirá por ocasião da *Oblatio*; “Morro crendo naquilo em que crê a Santa Madre Igreja, naquilo que recomenda para crer e naquilo que futuramente [...] recomendar para a fé” – confessará no final da sua vida. Ao mesmo tempo aceita sensatamente e com submissão as decisões daqueles que devem representar a Igreja, ainda quando as considera como prejudiciais. Reconhece neles a acção de Deus, que “não poupou nem o próprio Filho”, mas O entregou para a salvação do mundo. É espantosa essa capacidade de conciliar contradições aparentemente paradoxais: a submissão à fé com a condenação dos abusos. A Igreja é santa e pecadora ao mesmo tempo: santa pela presença de Deus, pecadora pelos pecados do homem. Uma expressão especial de tais convicções e posturas são as suas acções relacionadas com a aprovação da Congregação, que com certeza ele via pelas categorias divinas e eclesiásticas. Na descrição dos primórdios da Congregação, enfatiza muito que “foi o Espírito de Deus que moldou na [sua] mente” a idéia de uma nova comunidade, mas para a sua realização ele necessitava a aprovação da Igreja, e ainda na pessoa do Santo Padre. Com

efeito, uma comunidade religiosa não pode existir para si mesma, mas encontra-se ao serviço de todo o “corpo da Igreja de Deus”, que na pessoa do Sucessor de S. Pedro confirma definitivamente que realmente a origem da comunidade religiosa provém do Espírito Santo e que não se trata de uma invenção humana. Desde o início da sua atividade de Fundador o Pe. Papczynski teve de lutar com esse problema, defrontando-se muitas vezes com a oposição não apenas de pessoas leigas, mas também dos pastores da Igreja, inclusive – por algum tempo – do bispo do lugar (Witwicki), cujo antecessor havia aprovado os marianos na área da sua diocese. Pode-se supor que essas difíceis experiências comunitárias pessoais, e ao mesmo tempo já marianas, tenham provocado por um lado o aprofundamento da compreensão da natureza da Igreja e, por outro, a sua purificação. Com efeito, a situação exigia a lembrança contínua do mistério da Igreja, do serviço aos fiéis – da parte dos quais muitas vezes sofria perseguições, da submissão à hierarquia – na qual via pastores colocados por Cristo, ainda que muitas vezes tivesse de enfrentar da parte deles a incompreensão. Exigia sobretudo a obediência total ao Santo Padre, a quem considerava como Vigário de Cristo, ainda que ele não quisesse concordar com a aprovação dos Marianos no estilo a respeito do qual o Padre Fundador estava convencido que provinha do Espírito Santo. Essas tensões interiores exigiam uma fé heróica em Cristo e na Igreja, a qual constitui com Ele uma unidade. Finalmente vemos como o Pe. Estanislau desiste do que é “seu” em prol daquilo que decide a Igreja, vendo nisso a vontade de Cristo. Nesses acontecimentos ele percebe a presença da Divina Providência, os caminhos da acção divina, que conduziram à definitiva aprovação pontifícia daquilo que nele havia iniciado o Espírito Santo. Por essa razão, portanto, como afirma o Pe. Wyszynski, o Fundador dos marianos “já percebeu o que desejava e, mantendo aquela Regra de Maria Virgem, graças à qual a sua Congregação fora aprovada, via nela a preciosa pérola evangélica reencontrada e juntamente com os irmãos alegrava-se, e eles se felicitavam mutuamente”.

A Igreja, como organismo sobrenatural, compõe-se do que é divino e humano. Cada um tem nela o seu lugar e a sua tarefa. Vale a pena lembrar pelo menos um pensamento do Beato Estanislau dessa parte das suas reflexões, quando escreve: “Tu também deves considerar-te como chamado para essa vinha da Igreja e, alegrando-te por esse motivo, dedica-te com todas as forças, com toda a alma e todo o corpo a realizar nela obras de amor”. Será que realmente eu encontrei a minha vocação na Igreja, o Corpo Místico de Cristo? Quais são as minhas obras de amor?

III. A Igreja como objecto do amoroso desvelo do Padre Estanislau

O amor activo do Beato em relação à Igreja era muito criativo e hauria inspirações do Espírito Santo e da sensível interpretação dos sinais dos tempos, de maneira especial daqueles relacionados à esfera da pobreza, tanto material como espiritual. Tentemos identificar esses pontos especiais de desvelo pela Igreja que o Beato Estanislau descobriu e que nos deixou como tarefa.

1. Não esquecer os mais pobres e anunciar-lhes o Evangelho

Como informam as primeiras biografias, o Pe. Estanislau sempre se dedicou ao ministério do anúncio da palavra de Deus e às obras de caridade. Muitas pessoas que dele se aproximavam ficavam livres de muitas enfermidades e – como proclama a tradição – ele ajudava-os também de forma milagrosa. Embora ele mesmo e a sua congregação fossem pobres, muitas vezes também proporcionava ajuda material. Por essas razões já durante a vida tinha fama de santo e era chamado “pai dos pobres” e “apóstolo da Masóvia”. E, vendo que uma das consequências da miséria moral e material daquele tempo era o alcoolismo, tratado como uma forma de mitigar o desespero em razão das incessantes calamidades e desgraças daquela época, tanto públicas como pessoais, bem como em consequência da “propinação”, ou seja, da obrigação que os nobres impunham aos camponeses de comprar bebidas alcoólicas como uma forma de sair da crise económica, ele estimulava a uma vida de abstinência, vendo o verdadeiro consolo em Deus e no amor desinteressado a Ele.

2. Apresentar a Imaculada Conceição de Maria como sinal da misericórdia divina

O Beato Estanislau inseriu a sua experiência de fé e de amor a Cristo e à Sua Igreja no carisma dos Marianos, cujo primeiro objectivo era a difusão do culto da Imaculada Conceição da SVM. Sabemos que toda a Europa católica daquele tempo estava impregnada da espiritualidade mariana aliada com suas variadas formas, por vezes bastante originais, como por exemplo a escravidão mariana. No entanto o Pe. Estanislau concentra a sua atenção no mistério da Imaculada Conceição e nele encontra o cerne do cristianismo nesse dom gratuito do imensurável dom do amor de Deus para com o homem, alcançado por Cristo e aceite por Maria como a primeira entre os crentes, com total amor e submissão a Deus. É de supor que justamente por essa razão ele depositava

nesse mistério uma grande esperança de alcançar os bens celestiais, muitas vezes exclamando: “Immaculata Virginis Conceptio sit nobis salus et protectio”, ou seja: “A Imaculada Conceição de Maria seja a nossa salvação e proteção”. E percebia a forma fundamental do culto da Imaculada Conceição na imitação da vida evangélica de Maria. Pode-se perceber que dessa forma o seu serviço à Igreja encaminhava-se no sentido de moldar uma sadia devoção mariana e de aprofundar os mistérios da fé cristã. Hoje, quando na vida pública não há espaço para Deus e para a fé, quanto se faz necessária a proclamação do gratuito amor de Deus para com o homem! O exemplo disso é Maria no mistério da Imaculada Conceição.

3. Lembrar que a morte não tem a última palavra da vida humana e que o pecador, após afastar-se deste mundo, necessita de gestos de amor

A sensibilidade do Beato Estanislau à acção do Espírito Santo e aos sinais do tempo, especialmente ao destino dos membros mais pobres da Igreja, fez com que, com o tempo, ao objectivo primitivo da Congregação ele ainda adicionasse a oração pelos falecidos, especialmente pelos falecidos soldados e pelas vítimas da peste. Os biógrafos do Pe. Papczynski descrevem diversas experiências místicas relacionadas com o purgatório, durante as quais teria experimentado os sofrimentos dos falecidos submetidos à purificação e após as quais não apenas eles mesmo rezava mais e empreendia diversos actos penitenciais nessa intenção, mas também estimulava a isso os seus coirmãos e os fiéis leigos. A necessidade pastoral de tais iniciativas torna-se ainda mais visível se percebermos que os séculos XVI e XVII foram um período em que, em razão de guerras, da miséria e das epidemias que se espalhavam, na Europa morriam milhões de pessoas, muitas vezes despreparadas para a morte. Os primeiros biógrafos do Pe. Estanislau informam igualmente que ele mesmo esteve em campos de batalha, cuidou de soldados feridos, sepultou os mortos e rezou por eles. Por isso, os ensinamentos presentes em diversos dos seus escritos sobre a Igreja como “Corpo unido no Espírito e animado pela oração” não representam palavras vazias, mas o conduzem ao activo e desinteressado amor à Igreja que se purifica. Poder-se-ia dizer que Deus permitiu que ele “sentisse” os sofrimentos desse “Corpo” submetido à purificação. Uma expressão comovente dessa experiência da unidade da Igreja é uma das suas orações pelos falecidos, transmitida pelos biógrafos: “Ó Deus de infinita misericórdia, multiplicaí os meus sofrimentos, e a eles dignai-vos diminuir o castigo”.

Como hoje se faz necessária tal oração pelas pessoas que morrem em cataclismos, guerras, acidentes! As informações fornecidas sobre elas nos meios de comunicação duram alguns instantes, e depois ninguém mais se lembra delas. O mundo não acredita na vida eterna, mas nós, que cremos, será que não temos a obrigação moral de apressar-nos em proporcionar a ajuda da oração àqueles que não tiveram tempo para os assuntos da fé?

4. Iniciativas apóstólicas activas – desvelo pela formação dos leigos

Repleto de solicitude apostólica, o Pe. Estanislau ajudou zelosamente aos párocos no trabalho pastoral e incluiu a imposição do trabalho apostólico nos primeiros estatutos marianos. Na época era universalmente sentida uma profunda crise de fé (era o tempo que se seguiu ao Concílio de Trento e à Refoma). Havia também falta de padres, especialmente de padres bem preparados. O Fundador, preocupado com o destino dos fiéis privados da adequada assistência espiritual, empenhou-se para que desde o início os Marianos pudessem desenvolver actividade apostólica, especialmente em meio ao povo simples e pobre, visto que era ali que mais se manifestavam as necessidades. No entanto o Pe. Papczynski não se contentou com a simples assistência espiritual. Ele mesmo imbuído da mensagem evangélica, empenhava-se para que também todos os fiéis, inclusive os leigos, buscassem a santidade apropriada ao seu estado de vida. Por essa razão escreveu e publicou em Cracóvia, em 1675, o livro intitulado *Templum Dei mysticum*. Com o mesmo objectivo cuidou de irmandades e ordenou que elas fossem fundadas. Neste ponto vale a pena enfatizar que era profunda nele a solicitude pela santidade de todos os membros da Igreja. Ele escreve *Templum Dei mysticum* – um livro sobre a vocação universal à santidade – exatamente na mesma época em que escreveu *Norma vitae* – a regra de vida dos marianos. Por isso, essas duas obras são como que tratados que se complementam: um apresenta os ideais da santidade própria dos religiosos – marianos, e o outro apresenta o ideal da santidade “para todo o cristão”. Ambos os modelos estão baseados em padrões bíblicos e no serviço à Igreja.

Conclusão

O objectivo destes pensamentos, que traduzem o conteúdo interior da vida e da atividade do Beato Estanislau, é despertar o nosso amor a Cristo e à Igreja, que é o Seu Corpo místico, edificado também em nós. Poder-se-ia perguntar o que diz ao homem de hoje o Beato, que viveu há mais de trezentos anos. E no entanto é vontade da Divina Providência, na qual por toda a vida

ele confiou sem limites e com perseverança, chamar à atenção do homem de hoje a figura de um religioso que se empenhou por uma única coisa: que o homem, remido pelo sangue de Cristo, aceitasse plenamente a verdade do Evangelho e a graça de Deus e a elas respondesse com toda a sua vida e que encontrasse esse imensurável amor de Deus, se não nesta vida, então após a morte, na eternidade. Instrumentos para despertar a fé nos corações dos outros e cooperadores para proporcionar o encontro com o amor de Deus podemos ser também nós, a exemplo do Padre Estanislau. E hoje isso é especialmente actual, numa época que – como observou João Paulo II – em diversos lugares é assinalada “pela forma de uma autêntica cultura da morte” (EV, 12). A figura do Beato Estanislau recorda a necessidade de nos lembrarmos do homem necessitado em relação a Deus, fonte da vida e do amor. Em relação aos vivos essa lembrança manifesta-se na proclamação do Evangelho da vida e do eterno amor, no desvelo pela apropriada formação dos filhos da Igreja e na apresentação da Imaculada Conceição, “prova e fruto” da misericórdia divina. E em relação àqueles que já concluíram a sua “peregrinação terrena” essa mesma lembrança conduz à oração e ao sacrifício na intenção deles, de maneira que todo ser humano, por toda a eternidade, possa alegrar-se com a plenitude da vida divina e do amor divino.